
QUARTO DE DESPEJO: RETRATOS DO QUINTAL DA CIDADE

Bianca Corrêa Lessa Manoel¹

Daniele Ribeiro Fortuna²

Marcio Luiz Correa Vilaça³

Período de recebimento dos textos: 15/01/2015 a 01/05/2015.

Data de aceite: 29/05/2015.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar brevemente a trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus, a importância da leitura e da escrita em sua vida. Analisa e discute ainda aspectos culturais e sociais apresentados na obra *Quarto de despejo, o diário de uma favelada*, que relata de forma simples, porém profunda, o contraste decorrente das transformações sociais, políticas, culturais e urbanas da cidade de São Paulo em meados do século XX. Por fim, demonstra como sua obra, testemunho de quem vivenciou a miséria, permanece atual ainda hoje no discurso da Contemporaneidade.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; quarto de despejo; urbanização; alfabetização; miséria.

Abstract: This article aims to briefly present the trajectory of the writer Carolina Maria de Jesus, the importance of reading and writing in her life. It analyzes and also discusses cultural and social aspects presented in the work, *Quarto de despejo, o diário de uma favelada*, which reports in a simple, yet profound way, the contrast resulting from social, political, cultural and urban city of São Paulo in the middle of XX century. Finally, this paper demonstrates how her work, testimony of those who experienced poverty, remains up-to-date today in the discourse of contemporaneity.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; quarto de despejo; urbanization; literacy; poverty.

¹ Mestre em Letras e Ciências Humanas pela Universidade Unigranrio.

² Professora do Programa em Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Unigranrio. Jovem Cientista do Nosso Estado – FAPERJ (2015-2017). Bolsista de produtividade Propesq 1 A (Unigranrio / Funadesp).

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade Unigranrio. Bolsista de produtividade Propesq 1 A (Unigranrio / Funadesp).

Introdução

“Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.”
(JESUS, 1960, p.27)

Os processos de alfabetização e escolarização no Brasil iniciam-se no período colonial com a chegada dos Jesuítas, tendo como objetivo principal a centralização do saber escrito como privilégio dos colonizadores e representando uma forma de dominação que vai influenciar todos os processos de escolarização nos períodos históricos subsequentes.

A construção da história da Educação no Brasil sempre esteve intimamente ligada a questões sociais e políticas baseadas em processos de dominação e de exclusão das camadas populares nos e dos processos de escolarização (no acesso e na permanência na escola), totalmente distantes dos padrões culturais e linguísticos das classes populares, trazendo como consequência altos índices de analfabetismo e grandes desigualdades sociais e econômicas.

Ao analisarmos o histórico da Educação no Brasil, percebemos que a ideia de educação como um direito de todos, que garantisse a inclusão social e o acesso ao saber escrito, independente das diferenças sociais, culturais, físicas ou linguísticas, representou uma utopia, já que no decorrer dos anos, a escola foi reprodutora de processos de exclusão social desde o princípio de sua legitimação como espaço educativo.

Beyer (2010, p.12 e p.13) discorre sobre este fato, ao relatar que, desde a Idade Média, a educação escolar constituiu-se como privilégio dos mais favorecidos economicamente, representando um instrumento de ascensão social, por meio do qual os filhos da burguesia tinham a garantia de educação formal, enquanto os menos favorecidos (povo) recebiam uma formação escolar mínima.

Segundo Barbosa (2008), o domínio da escrita reflete e está associado ao desenvolvimento político-cultural de um povo, em que o saber escrito representa os bens culturais que a sociedade produz. Afinal, conforme apontado por Faraco (2012, p.61),

A criação da escrita teve duradouros impactos na cultura humana. Se, de início, o meio escrito teve funções essencialmente práticas, logo passou a ser usado no registro da poesia, das crenças, da memória coletiva, das leis sociais e dos conhecimentos em geral. Paralelamente à cultura oral, foi, então, tomando forma a cultura letrada que transformou profundamente a vida humana.

Logo, a escrita passa a desempenhar papel de destaque no exercício da cidadania e no acesso a bens e direitos. Os processos de alfabetização e os eventos de letramento demandam atenção especial, para a participação em práticas sociais diversas em uma sociedade letrada.

Nos países desenvolvidos, o número de analfabetos é muito pequeno, enquanto nos países com baixo desenvolvimento, é grande o número de analfabetos entre as classes menos favorecidas socialmente.

Outro fato discorrido por Barbosa (2008, p.24) diz respeito às consequências sociais que traz o analfabetismo, “acompanhado do subdesenvolvimento e, portanto da pobreza da doença, da fome, da marginalização social”.

Este fato demonstra a importância que o saber escrito tem para o desenvolvimento de uma nação: muito mais que entender o código escrito, este acesso demonstra a possibilidade de ascensão social e desenvolvimento econômico, o que infelizmente, por interesses políticos e sociais também não aconteceu no Brasil.

E foi exatamente esta lógica que permeou toda a história da educação brasileira em relação à aquisição do saber escrito: a lógica da centralização do poder e do saber nas mãos de alguns, em detrimento da maioria (MOLL, 2009,

p.13), representando processos de exclusão de diversos segmentos da sociedade, principalmente das classes populares, especialmente dos negros, índios e mulheres.

O discurso liberal na luta pela democratização do ensino, pela igualdade de oportunidades educacionais para todos em diferentes aspectos, ora no sentido de quantidade, ora na busca por qualidade, embora bastante discutido, e perpassando por diferentes períodos históricos, não representou avanços significativos, já que o início do século XX demonstrou que o acesso ao saber escrito continuava como privilégio da elite, dos mais favorecidos economicamente.

Neste contexto de exclusão, destaca-se a história de Carolina Maria de Jesus, primeira escritora negra do Brasil, cujas obras apresentam um caráter de denúncia social, desabaços sobre a sua dura e sofrida realidade vivida na favela⁴ do Canindé em São Paulo, de profundas transformações urbanas e discussões sobre o contexto político-social dos anos 1960, em que o domínio do saber escrito, adquirido por uma mulher negra, mesmo considerada “semi-alfabetizada” pelos anos de escolaridade que possuía, promoveu a ruptura de padrões sociais e reconhecimento momentâneo de sua vida e obra. Embora este reconhecimento e ascensão sociais tenham sido momentâneos – a escritora não conseguiu manter um padrão social e morreu em um pequeno e humilde sítio em Parelheiros, interior de São Paulo, em 1977 -, representaram uma importante conquista no cenário cultural dos anos 1950. Foi a primeira vez que uma escritora negra, catadora de lixo, não apenas conseguiu publicar um livro, mas sua obra tornou-se um grande sucesso editorial, tendo sido editada em diversos países.

⁴Neste trabalho, serão utilizados os termos “favela” /” favelada” como se encontram no livro *Quarto de despejo*, bem como os erros ortográficos nas citações literais da autora (JESUS, 1960).

Este artigo tem como objetivo analisar brevemente e discutir a vida de Carolina Maria de Jesus, a importância da leitura e da escrita em sua trajetória, e ainda aspectos culturais e sociais apresentados na obra *Quarto de despejo, o diário de uma favelada*, que relata de forma simples, porém profunda, o contraste decorrente das transformações sociais, políticas, culturais e urbanas da cidade de São Paulo em meados do século XX e que permanecem atuais no discurso da Contemporaneidade.

Um pouco sobre a história de vida de Carolina Maria de Jesus

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome.
A fome também é professora”
(JESUS, 1960, p.31)

Carolina Maria de Jesus era negra e acredita-se que tenha nascido no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, onde viveu sua infância e adolescência. Em 1947, já adulta, migrou para São Paulo em 1947 à procura de trabalho, em função da mudança da economia do ouro para as atividades pecuárias em Minas Gerais.

Segundo Hall (2003, p. 28) “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão”. Parece ter sido esta a causa que levou Carolina Maria de Jesus, assim como muitos, a migrar para São Paulo.

Segundo Alonso e Toniosso (2009), compreender o período histórico em que Carolina Maria de Jesus realiza sua escrita é importante para entender o caráter de denúncia e de desigualdade social tão discutido e ressaltado em suas obras, principalmente no que diz respeito ao crescimento desordenado das favelas e às diferenças culturais e sociais provocadas pela urbanização da cidade de São Paulo em meados do século XX: “ Suas obras apresentam o

tormento de fazer parte de um cenário afastado dos processos de modernização e dos interesses comuns do sistema capitalista, ou seja, a favela (ALONSO; TONIOSSO, 2009).”

Carolina era mais um personagem na engrenagem urbana da São Paulo da década de 1950. Era um momento do fomento da industrialização e da urbanização no Brasil, que foi concretizada com mão-de-obra vinda principalmente do Nordeste. Sua história de vida poderia ter sido a mesma de muitas outras mulheres de sua época, mas sua paixão pela leitura e pela escrita a diferenciava culturalmente do grupo com o qual convivia na favela.

Sendo assim, Carolina Maria de Jesus, apropriou-se da cultura, como “o cenário em que adquirem sentido as mudanças, a administração do poder e a luta contra o poder”. (CANCLINI, 2005, p. 47). Nesse sentido, a escrita era o elemento que a empoderava em seu grupo social.

Em uma das páginas do seu diário, sobre os desentendimentos que havia no cotidiano da vida na favela e sua postura diante dos acontecimentos, em que o interesse pela escrita assumia forte influência, Carolina afirma: “Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que eu falo muito bem. Que sei atrair os homens [...] Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 1960, p.24)

Na favela, os moradores a respeitavam, mas também a temiam. Tinham receio que Carolina escrevesse sobre suas vidas. Em vários trechos do diário, ela também revela seu descontentamento com o comportamento de seus vizinhos. A escritora procurava manter-se distante deles: “Deixei o leito as 5 e meia para pegar agua. Não gosto de estar entre as mulheres porque é na torneira que elas falam de todos e de tudo” (JESUS, 1960, p. 80)

Poderíamos atribuir a esse distanciamento de Carolina de Jesus à cultura em que esta estava inserida ao que Hall (2006, p. 9) denomina de

“deslocamento” ou “descentração do sujeito”, já que mesmo convivendo neste espaço, não se integra a ele, assumindo uma postura de total distanciamento ao seu grupo social.

Sua escolaridade não passou de pouco mais de dois anos, já que naquele tempo, as crianças mais pobres eram mantidas na escola a custas das pessoas mais influentes, e as instituições escolares, voltadas para as elites, não dispunham de mecanismos ou interesses que mantivessem efetivamente as classes populares escolarizadas. A exclusão era realizada pela necessidade de trabalho, pela discriminação, casamento precoce, pela não aprendizagem, pela repetência, entre outros motivos.

Segundo Meihy e Levine (1994), Carolina Maria de Jesus provavelmente estudou no Colégio Allan Kardec, no ano de 1923, ainda em Sacramento, sob a benfeitoria de senhora Maria Leite Monteiro de Barros, pessoa para quem sua mãe prestava serviços como lavadeira, antes de migrar para São Paulo junto a sua família.

O problema do analfabetismo já era bastante discutido naquela época, e políticas públicas e reformas educacionais, implementadas a fim de garantir o direito à escolarização “orientada por princípios de liberdade e laicidade do ensino, gratuidade da escola primária e descentralização do sistema educacional” (MOLL, 2009, p.21), já que o analfabetismo teoricamente representava um entrave à ascensão econômica do país.

Um importante acontecimento, que merece ser ressaltado, dada a importância que a alfabetização “supostamente” representava naquele período é a criação da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, em 1915, que, segundo Freire (1989) apud Moll (2009, p.23), “representa a ideologia da inferioridade intrínseca do analfabeto”. Carolina Maria de Jesus consegue romper com essa

condição de inferioridade através de sua escrita, mesmo estando entre o grupo menos favorecido e sendo negra e mulher. Segundo Machado (2006, p.106):

A dimensão imaginária foi buscada no impacto dos escritos de Carolina sobre a sociedade e na compreensão do universo da autora, encerrado em preconceitos (contra nordestinos, srios, favelados), em dicotomias (brancos e pretos; ricos e pobres; trabalhadores e malandros; cidade e favela) e em conservadorismos (políticos, sociais, morais), dos quais ela se libertou parcialmente ao escrever.

Carolina Maria de Jesus, mesmo com pouco mais de dois anos de escolaridade, apropriou-se efetivamente da escrita, utilizando-a, primeiramente, como mecanismo de resistência às dificuldades em que vivia e, posteriormente, de ascensão social, livrando-se, segundo a própria Liga Contra o Analfabetismo divulgava, das “muralhas do obscurantismo” que em que o analfabetismo colocava o sujeito. (MOLL, 2009, p.23). Para a escritora, a escrita era o diferencial de sua vida na favela:

[...] Mesmo elas me aborrecendo (*as outras mulheres da favela*⁵), eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade (JESUS, 1960, p.17)

Em um de seus poemas, publicado anos mais tarde, em livro organizado por Meihy e Levine (1994), Carolina relata a sua experiência de vida e o choque, negação e discriminação cultural que a escola, voltada para o interesse e padrões da elite, representava e disseminava naquela época e que repercutiu em seus escritos na vida adulta:

Minha Vida

Eu estava com sete anos e acompanhava a minha mãe por todos os lados. Eu tinha um medo de ficar sozinha. Como se estivesse alguma coisa escondida neste mundo para assustar-me. Eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar comecei a chorar.
“Eu quero ir me embora!

⁵ Grifo nosso

Eu quero mamar!
Eu quero ir me embora!”
A minha saudosa professora D. Lanita Salvina perguntou-me:
“Então a senhora ainda mama?”
“Eu gosto de mamar!”
As alunas sorriram.
“Então a senhora não tem vergonha de mamar?”
“Não tenho!”
“A senhorita está ficando mocinha e tem que aprender a ler e escrever, e não vai ter tempo disponível para mamar, porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida! Estais ouvindo-me D. Carolina Maria de Jesus?”
Fiquei furiosa, e respondi com insolência.
“O meu nome é Bitita. Não quero que troque o meu nome.”
“O teu nome é Carolina Maria de Jesus.”
Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.
Que tristeza que senti. Eu não quero este nome, vou trocá-lo por outro.
A professora deu-me umas reguadas nas pernas, parei de chorar. Quando cheguei na minha casa tive nojo de mamar na minha mãe. Compreendi que eu ainda mamava porque era ignorante, ingênuo. E a escola esclareceu-me um pouco.
Minha mãe sorria dizendo:
“Graças a Deus! Eu lutei para desmamar esta cadela e não consegui.” Minha mãe foi beneficiada no meu primeiro dia de aula. Minha tia Oluandimira dizia:
“É porque você é boba e deixa esta negrinha te dominar.”

Desde muito cedo, Carolina Maria de Jesus demonstrou traços de uma personalidade *sui generis* que impulsionariam o seu desejo de romper com padrões sociais e culturais do meio em que estava inserida. No poema acima, por exemplo, a escritora revela a rebeldia que sempre a caracterizaria. De acordo com Machado (2006, p.105), sua personalidade forte era uma marca de sua identidade:

Carolina sofreu os efeitos do rompimento com a continuidade. Não por acaso a chamaram de difícil, insubmissa, petulante, geniosa, atrevida, rebelde, transgressora, ousada, explosiva, agressiva, arrogante, desafiadora e, mais tarde, com seu sucesso em declínio, de fracassada, vítima e louca. Mas chamaram-na também de terna, alegre e corajosa.

E foram sua ousadia, seu atrevimento e rebeldia que a permitiram sobreviver nos tempos difíceis da década de 1950. Na cidade de São Paulo,

Carolina trabalhou como empregada doméstica, porém por não se adaptar ao trabalho e necessitar de tempo livre para escrever, começou a catar papel nas ruas. Teve três filhos, cada um de um pai, e morava na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, dividindo o seu tempo entre cuidar das crianças, catar papéis e registrar, mesmo de que forma humilde, a sua vida em um diário.

Em 1955, foi descoberta pelo repórter Audálio Dantas, que, ao realizar uma reportagem na favela, teve acesso aos seus escritos. O jornalista se interessou pelo tom de denúncia de seu texto, que revelava o contraste entre a vida dos moradores da favela do Canindé e da cidade de São Paulo em período de profundas transformações sociais, políticas e urbanas:

Essa realidade não passou despercebida para Carolina, que tinha uma forma muito própria de destacar essas diferenças: “[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2000, p. 28). As condições de vida geradas pelo crescimento desordenado das cidades contrastavam com a euforia do desenvolvimentismo dos “anos dourados”. As favelas já se destacavam pela pobreza explícita e pelo descaso governamental. (ALONSO; TONIOSSO, 2009)

Após a descoberta de Carolina Maria de Jesus pelo repórter, alguns fragmentos do seu diário foram publicados no jornal *Folha da Noite* (em 1958) e na revista *O Cruzeiro* (em 1959), transformando-se posteriormente no livro intitulado *Quarto de despejo, o diário de uma favelada*, lançado pela Editora Francisco Alves em 1960.

Quarto de Despejo vendeu seiscentos exemplares na noite de autógrafos e foi um enorme sucesso dentro e fora do Brasil, o que tornou Carolina conhecida mundialmente. Seu diário foi traduzido em quatorze idiomas e vendido em mais de quarenta países. O sucesso do livro foi um fenômeno surpreendente, já que: “Na época, mais do que hoje, a literatura era ofício de homens brancos, letrados e, com raras exceções, ricos e em posição social elevada.” (LAJOLO, 1996, p. 39)

Em 1969, com o sucesso de *Quarto de despejo*, Carolina mudou-se para a periferia de São Paulo. Conseguiu realizar seu grande sonho: a casa própria de alvenaria. Entretanto, por não saber como lidar com os recursos que recebia, depois de um tempo, acabou sendo obrigada a sair de lá. Mudou-se novamente, desta vez, para um pequeno e humilde sítio em Parelheiros, no interior de São Paulo. Segundo Machado (2006, p. 107):

Foi assediada por numerosas pessoas que nunca havia visto e que lhe pediam dinheiro, um trator ou uma máquina de costura. Foi generosa com muita gente. Pagou passagem de avião para uma retirante que encontrara por acaso num aeroporto, sapato para um garoto pobre que viu na rua. Deu teto a desabrigados, comprou roupa e adornos para a família. Realizou o sonho da casa própria. Expôs se muito e, por isso, foi consumida e descartada.

Com isso, o sucesso de Carolina de Jesus foi momentâneo. Ainda assim, a escritora teve recursos suficientes para não passar fome, ter um pedaço de terra para plantar, criar animais e manter-se, além de permitir que seus filhos dessem continuidade aos estudos. Porém, com o tempo, alvo de muitas críticas literárias, pela sua forma simples e considerada por parte da crítica “incorreta” de escrever, Carolina Maria de Jesus foi esquecida pela mídia, morrendo em 1977, sozinha e na pobreza.

Sua principal obra, *Quarto de despejo*, segundo alguns estudiosos afirmam, deixa como herança a reflexão sobre a realidade urbana brasileira, da divisão social da cidade e dos problemas causados pelo crescimento desordenado. Para Meihy (2006, p. 345), “raramente se encontra algo escrito a partir da vivência da pobreza, daqueles que a vivem e dão razão de ser a um estado de coisas que compromete a eficiência dos sistemas políticos e coloca o poder e a ordem social em cheque”.

O livro traz o retrato dos problemas causados pela urbanização e da segregação social dos espaços públicos, em que a favela, segundo a própria autora relata, é o lugar dos excluídos, daqueles que não possuem o seu espaço

na cidade. Para Holanda (1995, p.145), este é uma situação, causada pela própria estruturação da sociedade brasileira:

No Brasil, onde imperou desde os tempos remotos, o primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização- que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades- ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje.

A seguir serão discutidas algumas questões relacionadas a cidade, cultura e transformações urbanas, abordadas por Carolina de Jesus em seu livro *Quarto de despejo* e que permanecem como questões atuais no discurso da Contemporaneidade.

Quarto de despejo: a dicotomia entre a beleza e a miséria da cidade

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus.
Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.
(JESUS, 1960, p.42)

O livro *Quarto de Despejo* é o diário de Carolina Maria de Jesus que narra de forma simples, porém profunda, o cotidiano de sua vida, dos seus filhos e dos moradores da extinta favela do Canindé, localizada às margens do Rio Tietê, na década de 50 (1955 a 1959), após migrar para a cidade de São Paulo à procura de trabalho.

A década de 1950, ano que Carolina inicia seu diário, foi o momento em que Juscelino Kubistchek buscou concretizar o slogan “50 anos em cinco”, o que implicava modernização das cidades, a construção da cidade de Brasília, a esperança de uma política mais justa e igualitária, mas que “mascarava” os problemas sociais que a urbanização trazia. Segundo Topalov (1996, p. 23):

A ideia de que existem “problemas” urbanos é recente. Tem sua origem nos começos do século XX como os reformadores de moradias e os primeiros urbanistas, os filantropos e os assistentes sociais, que tinham de enfrentar a realidade das grandes

metrópoles do mundo industrial. Mudar a cidade, para mudar a sociedade, e, particularmente, o povo, essa era sua visão estratégica.

Neste contexto, de profundas transformações sociais e políticas, o discurso de Kubistchek confirmava seu foco na industrialização do país. De acordo com Alionso e Toniosso (2009, p. 4), naquela época, Juscelino considerava que o “destino do Brasil era tomar o ‘caminho do desenvolvimento’ e que a solução para o desenvolvimento nacional, com todas as suas injustiças sociais e tensões políticas, devia ser a industrialização urgente”.

Para tanto, o papel da urbanização era fundamental, já que as indústrias se concentravam próximo aos centros urbanos e que o processo de industrialização dependia de uma mão de obra que passaria a migrar, principalmente do Nordeste, para ocupar as cidades.

Sennett (2008, p. 371) considera que “a economia urbana também favorece o bairrismo. Cadeias de supermercados e grandes lojas de departamento têm conquistado a clientela dos bairros”. E era esse contexto que começava a se desenhar na cidade de São Paulo. De acordo com Meihy e Levine (1994, p. 221), “é do início dos anos 60, por exemplo, a construção do Shopping Center Iguatemi, de São Paulo, e com ele o aparecimento dos primeiros ensaios de supermercados”.

Assim, fica evidente que o discurso político pela necessidade de urbanização do Brasil desencadearia sérios problemas sociais e econômicos, que não passaram despercebidos por Carolina. Em seu livro, a escritora afirmou:

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catête. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola de ouro que é o Catête. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome

contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 1960, p.35)

Diante desta lógica desigual, a cidade de São Paulo caminhava para um processo de urbanização acelerado, com transformações que cercavam e embelezavam a cidade, enquanto as favelas surgiam na mesma velocidade, como forma de “abrigar” aqueles que estavam à margem da sociedade, no “quarto de despejo”. Segundo Freitag (2006, p.169):

É durante a vigência desse modelo econômico que acontecem as grandes ondas migratórias que contribuem para a inchação das capitais e dos grandes centros industriais da América Latina, produzindo a marginalização, a pauperização e a exclusão de grandes contingentes da população que chega às cidades na expectativa de melhorias de vida, sem que as cidades estivessem equipadas para oferecer empregos, moradia, escolas, transportes, atendimento de saúde.

As grandes mudanças que sofreram as cidades brasileiras, devido principalmente a estas migrações e ao êxodo rural, ocasionaram a favelização das grandes cidades. De acordo com Alonso e Toniosso (2009, p. 4): “Na década de 1950, a cidade de São Paulo passou por um “inchamento”, mudando suas feições”.

Carolina Maria de Jesus soube muito bem demonstrar, em seu texto, a dicotomia entre a modernização e ‘embelezamento da cidade’ e a sua vida de miséria na favela, que ela considerava o quintal da cidade: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o Jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p. 59). Em outro trecho, a escritora afirma:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na

favela. (JESUS, 1960, p.59)

Em relação ao discurso político, foram anos de otimismo e entusiasmo em relação aos avanços que a sociedade assumia, mas que mascaravam o problema da desigualdade social, bem como certa utopia por parte dos políticos e dos rumos em relação à economia do país. Sobre este período, Novais afirma (1998, p. 506):

Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma. Na década de 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância. De 1967 em diante, a visão de progresso vai assumindo a nova forma de uma crença na modernização, isto é, de nosso acesso iminente ao 'Primeiro Mundo'.

Quarto de despejo traz ainda profundas críticas às bases da sociedade capitalista, da política, das desigualdades sociais provocadas, principalmente, em função do projeto de modernização e crescimento das cidades, que culminou com o surgimento das favelas e com o descaso governamental em relação a essas diferenças sociais e culturais:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquela paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (JESUS, 1960, p.84).

A consequência desse processo de modernização foi a forte concentração de riquezas nas mãos de uma minoria, o que acabaria

desencadeando uma estagnação financeira, que nos anos 1980 ficaria mais visível.

Esta breve análise nos situa no imaginário de Carolina Maria de Jesus, que demonstra, através da sua escrita e denúncia social, que o processo de modernização, em contraste com os avanços da cidade, naquele período, ficaria apenas no plano das ideias.

Considerações finais

Como testemunho de dentro da miséria, o texto de Carolina Maria de Jesus é considerado até hoje inovador. A obra *Quarto de despejo* nos remete aos contrastes causados pela rápida urbanização da cidade de São Paulo, em meados do século XX, em um contexto de desigualdade social e crítica da escritora, que observa e participa ativamente dessas mudanças.

Ao ler sua obra, vivenciamos de forma indireta o cotidiano dos moradores de uma favela, as idas e vindas de sua rotina de trabalho como catadora de lixo e o descontentamento com as desigualdades sociais vividas em seu contexto.

Carolina expressa uma consciência de classe e a necessidade de mudança de sua realidade, realizando através da sua escrita da experiência adquirida através de suas leituras, o desabafo sobre sua vida na favela e a importância da reação de uma classe humilhada e jogada na periferia do capitalismo, sem direitos a uma vida digna e igualitária.

O fato de ser semianalfabeta não foi empecilho para uma visão acurada de mundo. Seu testemunho nos remete a uma análise crítica e precisa das consequências do processo de urbanização, que, no Brasil, não levou em conta problemas gravíssimos, como a proliferação das favelas e uma enorme desigualdade social.

Referências

ALONSO, Mariângela; TONIOSSO, José Pedro. **Revisitando a Cinderela Negra: Literatura e História em Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus. Bebedouro: Revista Hispeci & Lema, ano I, No. 1, 2009. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/12/19042010150126.pdf> Acesso em: 9 junho 2015.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FREITAG, Bárbara. Vida urbana e cultura. In: PALLAMIN, Vera M. **Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Editora estação liberdade, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. de Liv Sovik. Belo Horizonte, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. O homem cordial. In: _____ **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: o diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MACHADO, Marília Novais da Mata Machado. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário. In: **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/13. Acesso em: 6 junho 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra** – a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A fala da pobreza**: Carolina Maria de Jesus. In: LIENHARD, Martín. Discursos sobre (l)a pobreza. América Latina y / e países luso-africanos. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2006.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 2009.

NOVAIS, F. A.; MELLO, J. M. C. de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.) **História da vida privada no Brasil**. v.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENNET, Richard. **Carne e pedra** – o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

TOPALOV, Christian. **Da questão social aos problemas urbanos**- Os reformadores e apopulação das metrópoles em princípio do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.